

Juracy Assmann Saraiva; Regina Zilberman (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. 328 p.

Organizado por Juracy Assmann Saraiva e Regina Zilberman, *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira* reúne 21 ensaios originalmente apresentados na *II Jornada de Estudos Machadianos*, evento realizado em 1º. e 2 de agosto de 2019 no Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), contando com o apoio dessa instituição e da Universidade Feevale. Colaboram na edição pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa *Ficção de Machado de Assis: sistema poético e contexto*, bem como pesquisadores convidados, oriundos de universidades brasileiras e de universidades estadunidenses.

Em “O gesto na ficção machadiana”, Kenneth David Jackson apresenta um levantamento do repertório gestual na obra de Machado, demonstrando a relevância desse elemento performático nas narrativas do autor. Ao indicar o desenvolvimento do gesto na ficção machadiana, que progressivamente desempenha um papel paralelo ao da linguagem, quando não a substitui, Jackson ilumina a complexidade desse procedimento narrativo e seu teor paradoxal, alinhando-se a Merleau-Ponty, para quem, segundo o autor, “o gesto é superior à palavra, embora sua função, na ficção, seja comunicada por palavras” (15).

Em “Teatralidade: diálogo entre arte e vida”, Juracy Assmann Saraiva apresenta uma análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a partir da categoria de teatralidade, lançando mão do conceito barroco de *Theatrum mundi* como pedra de toque. A autora recupera a atuação de Machado, nas décadas de 1860 e 1870, na imprensa e no teatro – como crítico, dramaturgo e censor –, ressaltando a finalidade moralizadora que o escritor atribuía a esses dois campos e a maneira como essa experiência intelectual viria a ser apropriada em sua ficção posterior. De acordo com a leitura de Saraiva, a

teatralidade se manifestaria explicitamente em *Memórias Póstumas*, configurando uma narrativa que desmascara o artifício da vida e, dialeticamente, desnuda-se a si mesma (29).

Christini Roman de Lima discorre sobre a representação das personagens Marcela, Eugênia, Eulália e Virgília em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, abordando as transgressões que elas cometem contra a ordem patriarcal. A autora dirige sua análise para a emergência das vozes e dos desejos dessas personagens por entre as lacunas do texto, o que constituiria uma resistência ao discurso obliterador do defunto autor. Lima sustenta, ainda, a hipótese de que a origem privilegiada de Virgília não só facultava sua performance social audaz e voluntariosa como também contribuiu para que ela evitasse punições como os finais degradantes vividos por Marcela e Eugênia ou a morte, como no caso de Eulália (54).

Priscila Célia Giacomassi analisa as implicações do discurso memorialístico nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, circunscrevendo os narradores à categoria do anti-herói. A autora deslinda a contradição decorrente da formalização do discurso memorialístico nos romances, asseverando que, embora o discurso em primeira pessoa, dotado de um caráter confessional, induza o leitor a aderir à sua perspectiva, ele também revela sua parcialidade, desnudando a si mesmo (57). Desse modo, no que esses narradores recorrem à autoridade da palavra escrita para construir o seu passado conforme lhes convém, eles estariam expondo seu arbítrio, manifestando a volubilidade de seu caráter em oposição à retidão que fundamenta o heroísmo.

Marinês Andrea Kunz passa em revista o romance *Quincas Borba*, explicitando a articulação entre o Humanitismo e a reprodução da violência e da desigualdade na sociedade brasileira. A autora recorre ao mito da não violência brasileira, apresentado como um dos problemas nodais dessa cadeia de reprodução, cuja persistência é garantida por conta de sua naturalização. Por meio de um paralelo entre literatura e sociedade, Kunz apresenta a rede de relações estabelecidas entre as personagens, confrontando seus destinos e os obstáculos à sua capacidade de agência impostos pelas classes dominantes no contexto social mimetizado no romance (79).

Denise Estacio analisa *Quincas Borba* a partir da configuração literária do espaço urbano fluminense, detendo-se no percurso do enforcamento, reminiscência de Rubião que remonta a sua juventude, quando, visitando a Corte, seguira um préstito que afluiu na execução de um escravizado, em praça pública, cujo carrasco era outro homem escravizado. Estacio recompõe cartograficamente a imagem da cidade a partir da formulação minuciosa do narrador, estabelecendo uma relação entre a emergência de uma experiência traumática de Rubião e a história de resistência dos escravizados, que, reprimida pela história oficial, retorna na fratura da forma romanesca (94).

Em “O teatro da vida: a ópera em *Dom Casmurro*”, Débora Bender aborda a relação entre a narrativa machadiana e a cultura dramática a partir da ópera como metáfora. Para tanto, a autora primeiramente recompõe a estrutura formal do gênero ópera e recupera comentários da fortuna crítica machadiana. Em um segundo momento, Bender revisita a crônica machadiana, explorando as concepções estéticas do autor acerca da ópera e de outras formas literárias. Por meio desses cruzamentos, a autora defende que a metáfora da ópera desenvolvida em *Dom Casmurro* denuncia o estatuto ficcional da obra, instaurando uma dimensão autorreflexiva que desnuda a mimese do romance e apresenta a vida como encenação (106).

No ensaio “A memória através das datas – a falha como método”, Fernando Machado Brum faz um recorrido das datas mencionadas em *Dom Casmurro*, revelando suas inconsistências tanto no interior da obra como no confronto com fatos históricos. Cotejando a leitura do texto “Um agregado”, publicado em 1896, no periódico *República*, e sua redação final, nos capítulos III, IV, V e VII de *Dom Casmurro*, Brum defende que as inconsistências no emprego de datas na obra constituiriam método consciente do romancista. Segundo o autor, Machado de Assis desfigura o realismo do romance, expondo o gesto idiossincrático do narrador que rompe o verniz de precisão das datas e referências, possibilitando uma interpretação ampla do objeto social (116).

Em “O prazer das velhas dores: *Dom Casmurro* e a formação de professores-leitores”, Tatiane Kaspari relata uma experiência de ensino na licenciatura em Letras. Fundamentada em proposições de Juracy Assmann Saraiva e colaboradores, a autora desenvolveu e aplicou pedagogicamente um roteiro de leitura sobre *Dom Casmurro* com o intuito de “proporcionar vivências ausentes da trajetória escolar dos acadêmicos

e organizar o percurso interpretativo da obra” (125). Kaspari narra as etapas de desenvolvimento do projeto e a sua recepção pelos estudantes, que vieram a produzir, coletivamente, uma apresentação teatral inspirada no romance.

Maria da Glória Bordini recupera a leitura de Machado de Assis realizada por Erico Verissimo, explorando o intertexto entre *Esau e Jacó* e *O Tempo e o Vento*. Conforme o cotejo realizado pela autora, a Flora de Machado e a de Erico se aproximam em sua inocência e em sua conduta honrada, em sua atenção aos valores tradicionais e em seu destino implacável. O principal contraste entre ambas, por sua vez, seria a virgindade da Flora fluminense, morta precocemente, e a longevidade da Flora gaúcha, dedicada ao cuidado dos filhos e de um marido adúltero. Assim, a Flora verissimiana, resistindo ao sofrimento e ao silêncio que lhe é imposto, constitui, segundo Bordini (135), uma denúncia à condição feminina na sociedade patriarcal retratada no romance.

Em “Classe, raça e gênero nos primeiros contos de Machado de Assis – 1858 a 1866”, Atilio Bergamini depreende certa morfologia narrativa, observando que esses textos apresentariam, grosso modo, a relação entre homens que têm posses e homens que não as têm, mediada pela circulação de mulheres tratadas como mercadoria. Bergamini delinea o desenvolvimento do projeto estético machadiano nas narrativas observando a articulação de uma crítica à monetarização da vida no arranjo ficcional dos contos, que “imaginam – por que não pensar assim? – uma vingança de classe, raça e gênero” (154).

Em “Medalhão: profissão sem trabalho”, Antônio Sanseverino apresenta os paradoxos dessa “ocupação” e de sua formalização literária, bem como seu enraizamento histórico na sociedade brasileira, capitalista e escravista. Partindo da fortuna crítica machadiana e do intertexto que configura o conto, Sanseverino enfoca a cisão entre realidade e opinião – central no conto e recorrente em *Papéis avulsos* –, que constituiria uma das linhas de força da ficção machadiana: “a vida cotidiana como espetáculo, encenação, em que o papel representado se separa da realidade material, do trabalho escravo e da sociedade patriarcal” (173)

Ernani Mügge e Juracy Assmann Saraiva analisam o conto “O espelho”, enfocando o processo contraditório de reificação que teria sido vivenciado pelo jovem

Joãozinho, conjugando o prazer do reconhecimento e a perda da identidade. Os autores observam como a especularidade entre indivíduo e papel social repercute na forma literária, atentando para o tensionamento entre a narração do personagem Jacobina acerca de sua experiência passada e a moldura narrativa constituída por um narrador heterodiegético, instâncias narrativas que repercutem uma na outra (182).

Em “Um código de honra feminino: ‘A senhora do Galvão’”, Paul Dixon aborda a defesa da honra da protagonista em relação à infidelidade de seu marido. Tema recorrente na literatura de matriz ibérica, o código de honra seria um componente estrutural da cultura patriarcal mediterrânea, ao qual estaria subordinado o conceito de honra feminina, voltado a respaldar a autoridade e a virilidade do homem. Em sua leitura, Dixon (193) depreende das ações de Maria Olímpia, protagonista do conto, uma gramática do código de honra feminino, que orientaria o comportamento e, no limite, a sobrevivência da mulher em uma sociedade moderna e patriarcal.

Sidney Chalhoub propõe uma investigação acerca da crônica machadiana que versa sobre o caráter ficcional de suas séries e de seus narradores. O autor inscreve a crônica machadiana como produto de duas matrizes narrativas predominantes – a “forma shandiana”, cunhada por Rouanet, caracterizada, sobretudo, pelo *humour* inglês do século XVIII, e a tradição satírica da imprensa liberal brasileira. Na perspectiva de Chalhoub, as crônicas precisam ser lidas no conjunto da série a que pertencem e em sua relação com outros gêneros textuais, literários ou não, sendo concebidas “como forma de intervenção no devir da História” (213).

Em “Modernização à brasileira como princípio de leitura da série *Balas de Estalo*”, William Moreno Boenavides aventa as contradições em que o periódico fluminense *Gazeta de Notícias*, suporte de publicação da série, estava enraizado. O autor destaca o combate à escravidão na produção dos cronistas que integravam as *Balas* – dentre os quais se encontrava Machado de Assis –, em contraposição ao fato de a *Gazeta*, folha que se propunha abolicionista, extrair parte de sua receita da veiculação de anúncios em que pessoas escravizadas eram negociadas como mercadorias (228).

Regina Zilberman analisa a atuação de Machado como editor de *Poesias Póstumas*, coletânea de poemas publicada em 1870, meses após a morte de Novaes –

escritor português exilado no Brasil e reconhecido por seus poemas satíricos. A partir da leitura da edição, a autora delinea os parâmetros estéticos do projeto editorial empreendido pelo escritor fluminense, orientados para a ênfase de uma faceta lírica quase secreta do poeta lusitano em detrimento de sua reputação de satirista, a fim de integrá-lo a um patamar artisticamente mais elevado. Zilberman sustenta a hipótese de que a trajetória de Novaes, tomado por uma depressão que fragilizara sua saúde, teria impactado no percurso pessoal e criativo de Machado; a ponta desse iceberg, segundo a autora, “é sugerida pelo emprego do adjetivo ‘póstumo’ [...] afinal, Xavier de Novaes era, metaforicamente ‘um defunto autor’” (248).

Lucia Granja aborda a atuação de Machado de Assis no processo editorial e a relação entre essa atividade e sua escrita ficcional, destacando o diálogo entre Machado e o editor Jean-Baptiste Garnier. De acordo com levantamento da autora, observa-se que o escritor fluminense não só colaborou de maneira robusta em empreendimentos de Garnier (como o *Jornal das Famílias*, periódico em que publicou dezenas de contos), como também os promoveu em crônicas veiculadas no *Diário do Rio de Janeiro*. Segundo Granja, a colaboração entre Machado e Garnier contribuiu para a construção do cânone da literatura brasileira, em um projeto editorial amplo, articulado com oficinas tipográficas e representantes em Paris e Viena, ao passo que Machado amadurecia seu projeto literário a partir de seu aprendizado sobre as dinâmicas das rotas transnacionais do mercado editorial (258).

Em “Machado de Assis, tradução e recepção hispano-americana”, Karina Lucena identifica a lacuna de estudos a respeito da internacionalização periférica de Machado de Assis, voltando-se para a recepção hispânica. A autora destaca dois projetos editoriais hispano-americanos de grande porte que promoveram a circulação massiva de romances de Machado, a Biblioteca de *La Nación* no começo do século XX, na Argentina, e a Biblioteca Ayacucho, estabelecida na Venezuela por Ángel Rama como resposta às ditaduras na América Latina. A título de provocação, Lucena (275) levanta a hipótese de Machado ter sido mais lido em espanhol do que em português, haja vista as taxas alarmantes de analfabetismo no Brasil ao longo do período, contrapostas a projetos de escolarização mais bem sucedidos, como o argentino, no limiar do século XIX.

Válmi Hatje-Faggion analisa o modo como a remissão ao leitor é reelaborada em traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (inglês, alemão, italiano, neerlandês), *Dom Casmurro* (alemão) e *Esaú e Jacó* (inglês). Na perspectiva da autora, a “voz do tradutor” (que compreende tradutor, editor, editora e demais agentes envolvidos) permeia o discurso, junto à voz do narrador (282). Ela observa a tendência à manutenção da peculiaridade da escrita de Machado; apesar disso, nas traduções alemãs há uma tendência em caracterizar o leitor mesmo quando o autor não o faz, assim como há, no conjunto de traduções analisadas, uma tendência em apagar a marcação do gênero feminino na caracterização da leitora. O ponto fora da curva no *corpus* é a tradução de Robert Scott-Buckleuch (Assis, 1992 *apud* Hatje-Faggion, 288) para *Dom Casmurro*, cujo texto é comprometido pelo corte de aproximadamente nove capítulos da obra.

Por fim, em “De 1859 a 1869: Machado de Assis nas folhas públicas oitocentistas”, Valdiney de Castro apresenta um levantamento de notícias acerca de Machado de Assis e sua obra publicadas no período, cotejado com cartas, biografias, publicações e contratos assinados pelo autor. Com isso, Castro expõe a rede de relações em que Machado estava integrado, salientando sua projeção desde a juventude e atestando o reconhecimento que os pares lhe dedicavam. O autor investe, ainda, contra a imagem de que o escritor fluminense seria uma figura tímida e reclusa, recorrendo a documentos que retratam um Machado que recitava poemas em público (305-306). Nesse recorte, Castro apresenta a trajetória de consagração de Machado de Assis, percorrida pelos meandros da imprensa e do mercado editorial.

TRABALHOS CITADOS

BENDER, Débora. O teatro da vida: a ópera em *Dom Casmurro*. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 99-107.

BERGAMINI, Atilio. Classe, raça e gênero nos primeiros contos de Machado de Assis: 1858 a 1866. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 141-155.

BOENAVIDES, William Moreno. Modernização à brasileira como princípio de leitura da série *Balas de Estalo*. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 217-229.

BORDINI, Maria da Glória. Duas Floras: de Machado a Erico Verissimo. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 131-139.

BRUM, Fernando Machado. A memória através das datas – a falha como método. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 109-117.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. De 1859 a 1869: Machado de Assis nas folhas públicas oitocentistas. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 299-316.

CHALHOUB, Sidney. A crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 195-215.

DIXON, Paul. Um código de honra feminino: “A senhora do Galvão”. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 185-194.

ESTACIO, Denise. Cartografia literária e o percurso do enforcamento em Quincas Borba. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 81-96.

GIACOMASSI, Priscila Célia. As implicações do discurso memorialístico do anti-herói machadiano. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 57-70.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis: relações com o mundo editorial. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 251-260.

HATJE-FAGGION, Válmí. A responsabilidade dos tradutores: Machado de Assis nas tramas da tradução com narrativa e sentido fraturados. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 279-297.

JACKSON, Kenneth David. O gesto na ficção machadiana. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 11-23.

KASPARI, Tatiane. O prazer das velhas dores: *Dom Casmurro e a formação de professores-leitores*. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 119-130.

KUNZ, Marinês Andrea. Literatura e sociedade brasileira: *Quincas Borba* e o Humanitismo. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 71-80.

LIMA, Christini Roman de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*: o olhar do finado para as mulheres de sua história. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 45-55.

LUCENA, Karina de Castilhos. Machado de Assis, tradução e recepção hispano-americana. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 261-277.

MÜGGE, Ernani; SARAIVA, Juracy Assmann. “O espelho”, de Machado de Assis: fendas entre realidade e aparência. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 175-183.

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Medalhão: profissão sem trabalho. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. P. 157-174.

SARAIVA, Juracy Assmann. Teatralidade: diálogo entre arte e vida. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 25-43.

ZILBERMAN, Regina. Machado de Assis e a poesia de Faustino Xavier de Novaes. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p 231-249.

Rodrigo César Dias

Doutorando em Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul